



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**MATERNIDADE E VAIDADE EM “O SEGREDO DE AUGUSTA”
E “UMA SENHORA”, DE MACHADO DE ASSIS**

CAROLINE PARANHOS DE CARVALHO

Rio de Janeiro

2022

CAROLINE PARANHOS DE CARVALHO

**MATERNIDADE E VAIDADE EM “O SEGREDO DE AUGUSTA”
E “UMA SENHORA”, DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação Português
/Literaturas

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anélia Montechiari Pietrani

RIO DE JANEIRO

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao exemplo de ideal materno que tenho. Que nada nunca nos deixou faltar e que até hoje tiraria de si para nos dar. A quem, mesmo em meio a sua luta contra o câncer, tem em sua família a sua maior preocupação. Nós te amamos e te idolatramos, mãe.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que sempre me deu apoio e motivação para alcançar meus objetivos, mesmo quando os mesmos pareciam tão distantes.

Aos meus amigos, que caminharam comigo essa jornada acadêmica.

À minha querida orientadora conterrânea, por toda a paciência e dedicação.

Aos meus professores e à Faculdade de Letras da UFRJ, pela excelência de ensino e pelas experiências que trago comigo em minha vida profissional.

“Oh, mama liked the roses
But most of all she cared
About the way we learned to live
And if we said our prayers”
Elvis Presley

RESUMO

Apesar de, recorrentemente, ter personagens principais masculinos e representar, criticamente, em suas narrativas, o ideário paternalista que corresponde à ideologia brasileira oitocentista, Machado de Assis trata com primazia suas personagens femininas e os temas que circundam a experiência feminina, geralmente burguesa. Voltando-se às personagens femininas marcantes na obra machadiana, a presença (ou ausência) da mãe é, com frequência, traço relevante na construção do caráter das personagens femininas. As relações mãe-e-filha nas obras machadianas não seguem, porém, unicamente, o ideal romântico, estando a maternidade sujeita a uma “desconstrução irônica”, movimento narrativo indicado por Ronaldo de Melo e Souza (2006). Considerando o caráter ambíguo da maternidade representado nas narrativas de Machado de Assis (PIETRANI, 2000), em contraste com a recorrente vaidade expressa pelas personagens femininas representativas da burguesia, este trabalho pretende compreender o caráter da figura materna nos contos “O segredo de Augusta” e “Uma senhora”, publicados, respectivamente, em *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias sem data* (1884). Investigando a idealização da maternidade na sociedade brasileira do século XIX, pretende-se revisitar a fortuna crítica machadiana a fim de apreender as características legadas à maternidade e à figura feminina, bem como os traços passados às mulheres que, nas narrativas citadas, nascem dessas mulheres, contrastando a figura da mãe vaidosa e da filha abnegada. A revisão busca compreender melhor a resistência de Augusta, de “O segredo de Augusta”, e Camila, de “Uma senhora”, em deixar sua juventude e vaidades sociais, negando o inevitável passo do tempo, simbolizado em suas filhas, que perpetuarão com outros filhos o ciclo social da maternidade e da estrutura familiar burguesa.

Palavras-chave: Conto, crítica, Machado de Assis, maternidade, vaidade

Rio de Janeiro

2022

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. CONCEITUAÇÃO: A MATERNIDADE NO SISTEMA PATRIARCAL	14
2.1. PATRIARCADO	14
2.2. O PATRIARCADO NO BRASIL OITOCENTISTA	15
2.3. ACERCA DA MATERNIDADE.....	16
2.4. A MATERNIDADE NO CONTO MACHADIANO.....	18
3. OS CONTOS	20
3.1. “O SEGREDO DE AUGUSTA”	20
3.2. “UMA SENHORA”	23
3.3. PONTO CRÍTICO.....	25
4. A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE.....	27
4.1. VAIDADE.....	27
4.2. A MULHER E A MÃE	29
5. CONTRASTES DA IDADE	31
5.1. ADELAIDE E AUGUSTA	32
5.2. ERNESTINA E CAMILA.....	34
6. DEPOIS DE MULHER E MÃE	37
6.1. TORNAR-SE AVÓ	38
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

Apesar de, recorrentemente, ter personagens principais masculinos e representar, criticamente, em suas narrativas, o ideário paternalista que corresponde à ideologia brasileira oitocentista, Machado de Assis trata com primazia suas personagens femininas e os temas que circundam a experiência feminina, geralmente burguesa. Nos contos, sobretudo, elas são construídas como perfis representativos da complexidade humana e somam-se ao leque de personagens machadianos.

Voltando-se às personagens femininas marcantes na obra machadiana, a presença (ou ausência) da mãe é, com frequência, relevante na construção das características das personagens. As relações mãe-e-filha nas obras machadianas não seguem, porém, o ideal romântico, estando a maternidade sujeita a uma “desconstrução irônica”, movimento narrativo indicado por Ronaldo de Melo e Souza (2006).

Essas representações femininas, que atendem, ao menos superficialmente, ao *status quo* da sociedade burguesa brasileira, realizam uma revolução silenciosa, e, tendo por cúmplice o narrador, reafirmam uma existência que supera o lugar-comum da mulher oitocentista. Marcadas por características como a frivolidade, a vaidade, o egoísmo e o interesse, aderem a uma ideia do que é ser mulher na sociedade, para então revelar que essas características não são próprias do feminino, mas do universal - do gênero humano.

O que o autor faz é escrever a mulher em seus deslocamentos em relação ao lugar socialmente imposto, assumindo caráter de sujeito intelectualmente inquieto - característica comumente atribuída ao masculino, que põe em ambiguidade sugestiva as intenções do personagem, e, nesse caso, a pureza atribuída ao feminino. Assim, reconstruindo na narrativa as rugas do caráter e expondo o mito do amor materno, Machado permite a suas personagens femininas o espaço da complexidade, partindo da premissa de que suas existências estão muito além dos estereótipos a que são relegadas.

Deste modo, a natureza feminina não é um fim em si mesmo, mas é propriamente a natureza humana, contraditória, múltipla e um tanto egoísta. Assim, tomamos como ponto de partida a afirmativa de Pietrani (2000),

acreditamos que a desconstrução do ideal sagrado da maternidade revela a ousadia de Machado de Assis, bem como um enfrentamento silencioso e ardiloso do narrador que, convivendo com as limitações impostas pela sociedade patriarcal, põe em tensão as verdades-padrão dessa mesma sociedade, rasurando-as e contestando-as (PIETRANI, 2000, p. 17).

Considerando o caráter ambíguo da maternidade representado nas narrativas de Machado de Assis, e a recorrente vaidade expressa pelas personagens femininas representativas da burguesia, este trabalho pretende compreender o caráter da figura materna nos contos “O segredo de Augusta” e “Uma senhora”, publicados, respectivamente, em *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias sem data* (1884).

Em “O segredo de Augusta”, encontramos uma complicação familiar - devido aos gastos excessivos da personagem e de seu marido, a família passa por complicações financeiras e o pai vê no casamento da filha a saída para a situação e, direta ou indiretamente, para a manutenção dos excessos. No conto, encontramos uma figura materna distante, de caráter autocentrado, que se afasta e não se interessa pelos assuntos da filha e do marido. A vaidade de Augusta a leva a recusar a mão da filha ao casamento, uma vez que, para a personagem, abandonar os salões e assumir o papel de avó seria o pior destino.

Em “Uma senhora”, por sua vez, a vaidade é o eixo central da trama. Apesar do carinho e cuidado despendidos à filha, D. Camila não deixa de ansiar pela vida social e pela juventude. A vaidade exacerbada leva a personagem a evitar, por todos os meios possíveis, os sinais do envelhecimento. Sua filha, porém, é um sinal infalível de que o tempo está passando, e D. Camila compromete-se a adiar ao máximo o casamento da filha, por recusa em aceitar a alcunha de senhora, no sentido de mulher de idade avançada, e avó. Desejando ser eternamente senhora da sociedade e de si mesma, Camila impede namoros e retarda o crescimento de Ernestina até o ponto inevitável.

Observamos, em ambos os textos, a vaidade exacerbada como constitutiva das personagens, em contraponto à maternidade idealizada. Vale ressaltar o caráter das filhas enquanto exemplares da expectativa para com o comportamento feminino, e sua comparação com a personagem-mãe, e também o traço comum da recusa em tornar-se avó, como demonstrado nos contos. Buscamos, então, interpretar a vaidade como característica constitutiva de Augusta, de “O segredo de Augusta”, e Camila, de “Uma senhora”, a fim de compreender como esse traço em suas individualidades arranha o ideal materno no contexto da sociedade patriarcal. Para tal, utilizamos como base conceitual, principalmente, as leituras do texto machadiano de Anélia Pietrani, Cilene Margarete Pereira, Lúcia Miguel-Pereira e Therezinha Mucci Xavier, bem como os conceitos de patriarcado, segundo Christine Delphy e Heleieth Saffioti, e maternidade, de acordo com Andrea O’Reilly e Elisabeth Badinter, além da leitura estrita dos contos apresentados.

2. CONCEITUAÇÃO: A MATERNIDADE NO SISTEMA PATRIARCAL

Cabe, inicialmente, conceituar os princípios observados na análise das obras mencionadas neste trabalho. O esforço de conceituação é motivado pela necessidade de explicitar termos e ideias que estão na base da proposta de investigar a representação da maternidade, bem como problematizar esse conceito dentro do modelo de sociedade moderna ocidental. Por esta razão, busca-se elucidar uma teoria da maternidade no sistema patriarcal, como forma de acessar o ideário comum e os preceitos sociais dentro do recorte do Brasil oitocentista, e em sua literatura.

2.1. PATRIARCADO

O termo patriarcado tem origem no latim *pater* e no grego *arkhè*, em tradução literal significando poder ou autoridade do pai. Entretanto, o termo *pater*, no sentido veiculado originalmente, não se refere diretamente à concepção de pai na contemporaneidade, mas sim ao sujeito que lidera um grupo (DELPHY, 2009). Na definição do dicionário Michaelis, patriarcado, no sentido antropológico, corresponde ao “tipo de organização social que se caracteriza pela sucessão patrilinear, pela autoridade paterna e pela subordinação das mulheres e dos filhos” (MICHAELIS, 2022).

Em relação à configuração das sociedades modernas, o patriarcado caracteriza a estrutura de poder e dominação sociopolítica com base no gênero, enraizada e reproduzida de modo compulsório na história ocidental. Nesse sentido, o domínio do gênero masculino sobre a sociedade se dá a partir de mecanismos de coesão, subordinação e manutenção de poder, como os sistemas religioso e familiar (DELPHY, 2009).

Para Gerda Lerner (2019), o patriarcado é uma construção histórica que foi documentada em diversos arranjos através da história das sociedades. O esquema patriarcal, deste modo, não se instaurou de forma abrupta, mas foi uma construção gradual através de aproximadamente 2.500 anos (LERNER, 2019). Para discutirmos o conceito de patriarcado, cabe recorrer à definição de gênero, conforme definida por Pietrani (2021) com base em Diniz (2014), “um regime político, cuja instituição fundamental é a família reprodutora e cuidadora, e o patriarcado uma tecnologia moral” (PIETRANI, 2021, p. 195). Assim, em acordo com o estudo de Teresa de Lauretis, as autoras identificam a existência de mecanismos, ou tecnologias, que são perpetuadas com o intuito de justificar a diferenciação sociopolítica e manter e a estrutura de poder com base no gênero – produzindo, assim, a constante reafirmação da lógica patriarcal.

Deste modo, tomamos por definição de patriarcado a existência e reprodução da dominação com base no gênero, em que o masculino se sobrepõe ao feminino nos âmbitos social, político e cultural. Conforme destaca Lerner (2019), “os papéis e os comportamentos considerados apropriados aos sexos eram expressos em valores, costumes, leis e papéis sociais” (LERNER, 2019, p. 350), portanto é especialmente interessante considerar os mecanismos de manutenção patriarcal, como os costumes culturais de uma época e a estrutura familiar, de modo a melhor analisar a condição feminina, tanto no aspecto empírico quanto nos campos individual e intelectual.

2.2. O PATRIARCADO NO BRASIL OITOCENTISTA

O patriarcado, em sua instauração na sociedade brasileira - um país escravagista, de formação colonial -, constituiu o sistema de dominação sociopolítico, familiar e cultural, reproduzido como base para a manutenção do sistema escravista e da disparidade de classes, sendo o patriarca - o homem branco livre da classe burguesa - o detentor pleno dos privilégios sociais, através da subordinação imposta aos demais membros da sociedade.

Em *A mulher na sociedade de classes* (1976), Heleieth Saffioti descreve a particularidade do sistema patriarcal em sua construção na sociedade brasileira, considerando *a priori* que a manutenção do sistema patriarcal dentro do recorte, assim como de forma geral, opera por tais mecanismos de manutenção do poder, a citar a estrutura familiar e a condição de subalternidade social. No contexto oitocentista, o espaço de circulação e atuação da mulher é, quase exclusivamente, o ambiente doméstico - esta manutenção, de acordo com a autora, se mantém através de diversos mecanismos, como a exclusão feminina da esfera educacional e intelectual, o estabelecimento de tarefas tidas como exclusivamente femininas e os costumes que incitam a dependência ao homem, na figura do pai ou do marido.

Acerca da condição da mulher no contexto burguês oitocentista, Saffioti destaca que

As mulheres brancas da época escravocrata apresentavam os requisitos fundamentais para submeter-se, sem contestação, ao poder do patriarca, aliando à ignorância uma imensa imaturidade. [...] Educadas em ambiente rigorosamente patriarcal, essas meninas-mães escapavam ao domínio do pai para, com o casamento, caírem na esfera de domínio do marido (SAFFIOTI, 1976, p. 168).

A natureza desta submissão compulsiva está na raiz do patriarcado, que tolheu a mulher de superar a condição de submissão, excluindo-a de circular livremente e mover-se física ou intelectualmente para além de seu espaço imposto, reproduzindo uma cultura punitiva que preza

pela subserviência de acordo com o modelo de comportamento socialmente estabelecido. Desta forma, o patriarcado opera no Brasil oitocentista por meio do mecanismo sociocultural e comportamental como forma de coerção e opressão, retirando da mulher qualquer possibilidade de autonomia. Saffioti aponta também:

Acresce ainda que, raramente, as mulheres da camada dominante saíam à rua, só deixando a casa praticamente para irem à Igreja, o que nunca faziam desacompanhadas. Tudo indica que a mulher-branca da casa-grande, abafada pela rigidez da educação que recebia, pela falta de instrução e pelas sucessivas maternidades, se submetia à autoridade do pai ou do marido (SAFFIOTI, 1976, p. 168).

Segundo Lerner, “o primeiro papel social da mulher definido pelo gênero foi ser trocada em transações de casamento” (LERNER, 2019, p. 353). Saffioti (1976) ressalta o casamento como tecnologia de manutenção do sistema patriarcal, em particular no contexto brasileiro, pois esta era a única opção possível para uma mulher, que casava jovem, entre os 13 e os 15 anos, já que “todo o processo de socialização da mulher encaminhava-a para essa submissão” (SAFFIOTI, 1976, p. 172). Portanto, era natural que a mulher correspondesse plenamente ao comportamento esperado pela sociedade patriarcal, porquanto todos os aspectos de sua experiência a tendenciavam ao cumprimento de tal padrão.

A família patriarcal - ou tradicional - brasileira está, de acordo com a definição de Saffioti, na base da dominação masculina sobre as mulheres e reinventa-se, de forma a manter-se apesar das modificações sociais. Casos de mudança desse padrão tornam-se exceções à regra. A família é, então, construção de discurso como mecanismo de subordinação feminina e indica o lugar prototípico da mulher branca pertencente às camadas sociais dominantes - o ambiente doméstico, as tarefas de gerenciamento do lar e o cuidado dos filhos.

2.3. ACERCA DA MATERNIDADE

Dentro da família patriarcal, sendo o papel social da mulher quase exclusivamente o de gerenciadora do lar e cuidadora dos filhos, a maternidade pode ser compreendida como papel indispensável da mulher, que serve à sociedade em sua função de preparar a nova geração. Nesta perspectiva, como indica Andrea O'Reilly (2007), a maternidade deixa de ser a tarefa própria de maternar e torna-se mecanismo de opressão contra a mulher e suas possibilidades de ser para além do papel de mãe - uma ferramenta do patriarcado -, controlando e regulando o corpo e o comportamento femininos através do ideal de maternidade.

Em “The myths of motherhood”, Shari L. Thurer (2007) expressa que a maternidade se reproduz dentro do “culto de domesticidade”, espaço relegado às tarefas tidas por próprias do gênero feminino. A autora, em esforço de conceituação do termo, define que

Motherhood - the way we perform mothering, is culturally delivered. Each society has its own mythology, complete with rituals, beliefs, expectations, norms, and symbols [...] Our particular idea of what constitutes a good mother is only that, an idea, not an eternal verity. The good mother is reinvented in each age or society defines her anew, in its own terms, according to its own mythology (THURER, 2007, 334).

Enquanto inscrita no sistema patriarcal, a maternidade mantém-se como mecanismo de manutenção de poder e controle, movendo o foco da maternidade da pessoa da mãe para a função social e servil da maternidade. Para tal, de acordo com Elisabeth Badinter (1985), a maternidade instaura-se através do mito do amor materno, que consiste em

O amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atitude pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez deve corresponder determinada atitude mental (BADINTER, 1985, p. 20).

Assim, um ideal de maternidade patriarcal foi forjado no decorrer do tempo, instalando-se na sociedade oitocentista neste formato, e a correspondência a este ideal tornou-se expectativa social, a tal ponto de ser compreendido como sentimento natural e inapreensível. A maternidade e, por consequência, o amor materno instalaram-se no ideário como condição primordial para a ordem social e competência exclusiva do gênero feminino.

O ideal de maternidade no sistema patriarcal, conforme indicado por Thurer (2007), condiciona a mulher à subserviência, ao negar-lhe qualquer autoridade sobre si e sobre a criança, uma vez inscrita dentro da família patriarcal. A mãe no ideal patriarcal abdica de si mesma em nome da função materna, e a não correspondência a este ideal torna-a não só inadequada, mas maléfica - contra os desígnios tidos culturalmente como naturais, em direção contrária ao sentimento absoluto próprio da maternidade. Para corresponder à mãe ideal, mitologicamente - e religiosamente, tendo seu maior expoente católico em Maria - definida de acordo com a religião e socialmente definida através do ideário cultural, a mulher devia demonstrar características próprias da boa mãe, uma vez que “a maternidade torna-se um papel gratificante, pois está agora impregnado de ideal” (BADINTER, 1985, p. 223). Por esta razão,

entre as características irrevogáveis da mãe estão a amabilidade, a dedicação irrestrita, a atenção plena às necessidades, a dedicação doméstica, entre outras.

Deste modo, define-se a maternidade dentro do sistema patriarcal como papel nato e absoluto da mulher, que é socializada para cumprir a função materna. Compulsoriamente, a mulher deixa o poder do pai para estar sob a tutela do marido, para o qual gerará descendentes que, se do sexo feminino, serão também socializadas para a maternidade, de modo a perpetuar o modelo da família patriarcal.

2.4. A MATERNIDADE NO CONTO MACHADIANO

A discussão acerca da maternidade patriarcal e da maternidade compulsória, bem como o mito do amor materno, auxilia-nos a compreender a condição feminina oitocentista. No Brasil, em contexto sociocultural marcadamente patriarcal e escravocrata, a função materna corresponde à única possibilidade dentro do padrão social vigente para a realização feminina. Na literatura oitocentista, a figura da mãe é recorrentemente presente, mas em poucos casos foco de interesse. Ainda que marcada sua relevância, seu legado não está em si mesma, mas nas marcas deixadas por elas no personagem masculino.

No conto machadiano, porém, a figura materna é exposta em novas possibilidades. Ainda que o narrador seja flagrantemente eco da lógica patriarcal, a mulher e a mãe são incorporadas à matéria literária, e a voz narrativa reflete sobre as personagens femininas em relação a suas motivações, disposição individual e também em relação à maternidade.

Dentro desta construção literária, Pietrani indica que

A partir dos ardis do(s) narrador(es) machadiano(s), o que se verifica é um pôr em tensão as verdades-padrão da sociedade, contestando-as, o que conduz a uma espécie de rasura do ideal sagrado da maternidade. O texto de Machado aproxima a perspectiva da mãe e do corpo fecundo da mulher a um discurso marcado pela alegoria [...] e “arruína” os símbolos e emblemas do determinismo sexual tão característico do final do século XIX e sublinhado pelo Naturalismo (PIETRANI, 2000, p. 79).

A ironia ficcional, conforme exposta em *O romance tragicômico de Machado de Assis*, de Ronaldo de Melo e Souza (2006), constitui um norte teórico importante neste trabalho, uma vez que a forma narrativa empregada nos contos trabalhados é essencial ao efeito de desconstrução de axiomas sociais e morais; neste caso, a revelação da dualidade do sentimento materno. Considerando essa proposta, é possível identificar nos contos recursos que resultam no efeito de desconstrução irônica dos fatos narrados. Elementos estruturais, como a justaposição de termos opostos e o constante diálogo narrador/ leitor, são exemplos de como o

narrador machadiano opera nos contos, representando a superfície social, enquanto desnuda uma realidade implícita concomitantemente. Sobre a construção da ironia narrativa, Ronaldes de Melo e Souza esclarece:

A ironia é uma parábase permanente, principalmente porque subordina o acontecimento representado ao processo crítico da reflexão. [...] Nas narrativas irônicas, a função crítica da parábase é assumida pelo narrador autoconsciente, que não se limita a narrar eventos, mas se compraz em sustar o enunciado propriamente narrativo com o deliberado propósito de assinalar criticamente que o narrado não é dado da realidade, mas construído pela instância da enunciação (SOUZA, 2006, p. 38-39).

Deste modo, cabe a investigação de alguns expoentes dessa subversão do narrador machadiano, a fim de compreender melhor a representação das possibilidades enquanto mãe, em constante contradição com o ideal mitológico do amor materno. A realização literária que exprime o conflito entre o amor materno como sentimento natural e divinizado ou como sentimento humano, portanto volátil, revela algo acerca dessa condição social, e da condição feminina em geral, considerando a manifestação da existência de complexidade na figura da mãe ainda dentro do contexto do século XIX, quando a autonomia física, social e intelectual da mulher seguia inescapavelmente restrita pelos mecanismos do patriarcado.

3. OS CONTOS

3.1. “O SEGREDO DE AUGUSTA”

“O segredo de Augusta” é um conto machadiano publicado inicialmente no periódico *Jornal das famílias*, e posteriormente no compilado *Contos fluminenses*, de 1870. No conto, D. Augusta Vasconcelos é uma mulher vaidosa, dama da sociedade, e, em segundo plano, esposa e mãe. Em sua rotina, pouco lhe interessam as questões domésticas, ela preza muito pela presença social, levando uma vida abastada e extravagante em luxos. Representando a vaidade e a indisposição para os cuidados maternos, Augusta mantém o estilo de vida juvenil, apesar da idade já madura e dos 15 anos de sua filha, Adelaide. Augusta nega-se aos cuidados maternos, anulando-se como mãe. Suas preocupações voltam-se a si mesma e à sua posição social, subvertendo os padrões sociais relegados à sua condição de senhora e mãe.

Ainda que o narrador coloque seu caráter em questão, como de costume, não taxativamente, suas faltas em relação ao papel socialmente estabelecido não são condenadas, e seu caráter é descrito como altivo, não duvidoso. Este movimento narrativo está explícito ainda no início do conto, quando o narrador aponta o caráter ambíguo de Augusta.

Tinha Augusta trinta anos e Adelaide quinze; mas comparativamente a mãe parecia mais moça ainda que a filha. Conservava a mesma frescura dos quinze anos, e tinha de mais o que faltava a Adelaide, que era a consciência da beleza e da mocidade; consciência que seria louvável se não tivesse como consequência uma imensa e profunda vaidade (ASSIS, 1994, p. 83).

É a voz narrativa que indica o caráter das personagens e aponta para a distância entre elas, as contradições e os desvios de padrão na ação narrativa. Este recurso é mencionado por Souza (2006) como estratégia de desconstrução irônica do narrador machadiano, considerando que “a interação dialógica do autor e do leitor é uma exigência do narrador irônico” (SOUZA, 2006, p. 40). É a voz narrativa que frisa, também, a imensa diferença de caráter e disposição entre mãe e filha.

As graças de Augusta estavam todas em Adelaide, mas em embrião. Adivinhava-se que aos vinte anos Adelaide devia rivalizar com Augusta; mas por enquanto havia na menina uns restos da infância que não davam realce aos elementos que a natureza pusera nela (ASSIS, 1994, p. 84).

Diante da falência de Venâncio, esposo de Augusta, pelos gastos extravagantes do casal, ele vê no casamento forçado da filha, Adelaide, a oportunidade de reerguer-se economicamente. Sobre o caráter do marido, o narrador expõe que “possuía uma boa fortuna e não trabalhava, isto é, trabalhava muito na destruição da referida fortuna, obra em que sua mulher colaborava

conscienciosamente” (ASSIS, 1994, p. 86). Augusta, acerca do casamento apressado e a contragosto da filha, é estritamente contrária à ideia, usando justificativas vagas ou inexatas para impedir a união. Diante da negativa, Venâncio imagina um caso entre a esposa e o pretendente da filha, muito mais moço que ela, o que reforça o aspecto de juventude em Augusta, e a põe novamente em comparação, e mesmo em rivalidade direta, com a filha.

Revelam-se, então, não apenas um, mas dois segredos carregados por Augusta: o de que a razão de sua contrariedade ao casamento é por rechaçar a ideia de tornar-se avó, e também que sua filha crescera no interior, longe da corte, não pela desculpa antes dada, que se referia à educação da menina, mas pela vontade da mãe em não assumir os deveres de seu papel na criação, o que lhe custaria as vaidades e circulação social. A primeira revelação surge da própria Augusta, ao confessar: “Eu tenho medo por causa dos filhos dela que serão meus netos! A ideia de ser avó é horrível, Carlota” (ASSIS, 1994, p. 106); a segunda revelação vem de Venâncio, que descobriu a motivação da esposa ao afastar a filha da corte: “Sabes o que me disse uma vez meu irmão? Disse-me que a ideia de mandar Adelaide para a roça foi-te sugerida pela necessidade de viver sem cuidados de natureza alguma” (ASSIS, 1994, p. 100).

Como analista da natureza humana, o narrador machadiano expõe as contradições na personalidade de Augusta, em tom crítico, condenando ou atenuando suas ações de acordo com uma filosofia moral própria, como no seguinte trecho,

Augusta era vaidosa, mas era fiel ao infiel marido; e isso por dous motivos: um de consciência, outro de temperamento. Ainda que ela não estivesse convencida do seu dever de esposa, é certo que nunca trairia o juramento conjugal. Não era feita para as paixões, a não ser as paixões ridículas que a vaidade impõe. Ela amava antes de tudo a sua própria beleza; o seu melhor amigo era o que dissesse que ela era mais bela entre as mulheres; mas se lhe dava a sua amizade, não lhe daria nunca o coração; isso a salvava (ASSIS, 1994, p. 102).

O trecho expõe a diferença de conduta entre marido e esposa, e resgata, na construção da personagem de Augusta, suas disposições morais, desculpando-a previamente por seus vícios de comportamento. O marido, que acusa a mulher de sua possível infidelidade e do excesso de gastos, é ele mesmo infiel e igualmente responsável pela falência familiar. Na estrutura patriarcal representada, a conduta de Augusta é questionada, enquanto a de Venâncio segue intacta - de forma crítica a este movimento, o narrador revela a proximidade no comportamento dos personagens, expondo não só a infidelidade e os gastos exacerbados, mas também a negligência de Venâncio para com a filha, ao entregá-la a um pretendente questionável por ganância, como ainda expõe o de Augusta, ao mandar a filha para o campo, supostamente por motivações pessoais. Esta aproximação no comportamento das personagens

demonstra o impacto da posição social atribuída pelo gênero, no que se refere ao peso moral das atitudes que visam o próprio benefício. Sobre o tema, Therezinha Xavier (2005) expõe que

O *status* feminino é considerado universalmente inferior ao masculino, e à mulher não se atribui poder legitimado social e culturalmente. O prestígio está sempre ligado ao homem, cujas atividades não carecem de reconhecimento e valorização. Daí a sua superioridade pessoal, o êxito de seu bom posicionamento nas camadas sociais (XAVIER, 2005, p. 66).

Acerca da discrepância do impacto social, em contraste com a similaridade de comportamento feminino e masculino em Machado, Anélia Pietrani (2000) aponta o seguinte:

Nessas obras [consideradas da segunda fase machadiana], enredam-se e destacam-se mulheres belas, inteligentes, (como se fossem) de carne e osso, mas, sempre “realidades” ficcionais. Figurações imaginárias de tal potencialidade e caráter enigmático que trabalham com o homem e para o homem; comportam-se com feminilidade, mas indicam desejos masculinos; mergulham na sociedade masculina como ativas empreendedoras, sendo, muitas vezes, paralisadas ou estigmatizadas pelo universo patriarcal com que interagem ou, mesmo, dispendo-se a servi-lo (PIETRANI, 2000, p. 16).

Apesar de tratar-se de obra anterior às consideradas no excerto, Augusta pode ser compreendida como predecessora da mulher machadiana, expondo as contradições inerentes ao papel da mulher, em contraposição aos sentimentos universais humanos, que escapam do crivo social. Em *A personagem feminina e a experiência da maternidade nos primeiros contos de Machado de Assis*, Cilene Pereira disserta sobre a importância de Augusta:

A natural oposição entre homens e mulheres – que se revelou argumento maior para a disposição social e espacial de ambos durante séculos –, encontra-se aqui ainda mais fragilizada, já que a mulher não se mostra qualificada para a função materna e seus aspectos emocionais. Augusta é um capítulo importante na história da construção da personagem feminina na obra machadiana, justamente por revelar outra imagem da mulher, que se descola da maternidade (PEREIRA, 2010, p. 8).

Deste modo, Augusta é expoente da representação feminina e da maternidade em Machado, sobretudo por estar entre as primeiras representações desta natureza na obra do escritor. “O segredo de Augusta” expõe a contradição da posição feminina em relação à maternidade e a condição social e psicológica da mulher oitocentista, subvertendo os parâmetros sociais então estabelecidos.

3.2. “UMA SENHORA”

“Uma senhora” é conto integrante do compilado *Histórias sem data*, de 1884, pela Editora Garnier. Obra de contos inéditos célebres de Machado de Assis, *Histórias sem data* apresentou como conto inédito o título tratado. Em “Uma senhora”, D. Camila é casada e tem por filha Ernestina, jovem que possui todos os dotes dados como naturais para o casamento e a maternidade. Desde o início da narrativa é firmada a distinção de caráter entre mãe e filha: enquanto a mãe é descrita por sua ilimitada vaidade e amor à juventude, a filha é exposta como naturalmente recatada, afetuosa, e mesmo maternal.

No conto, o tempo transcorre a largo passo, compreendendo desde os 32 até os 40 anos de D. Camila. A ação narrativa se detém em pontos específicos, demonstrando a relação da mãe com a filha e com o passar do tempo, enquanto a mulher é forçada a lidar com seu envelhecimento iminente. Em D. Camila todos os carinhos maternos estão presentes, mas, apesar de adorar a filha, seu orgulho e vaidade sobrepõem-se. Sobre o caráter da personagem e sua relação com a filha, o narrador expõe que

D. Camila adorava a filha; saboreou-lhe a glória a tragos demorados. No fundo do copo achou a gota amarga e fez uma careta. Chegou a pensar na abdicação; mas um grande prodígio de frases feitas disse-lhe que ela parecia a irmã mais velha da filha, e o projeto desfez-se (ASSIS, 1994, p. 98).

São expostas algumas das tentativas da mãe em achar defeitos nos pretendentes da filha, adiando o momento de compreendê-la como mulher e entregá-la ao casamento, a fim de evitar aceitar a alcunha de avó, como revelado em:

Casá-la era o menos; mas, se os seres são como as águas da Escritura, que não voltam mais, é porque atrás deles vêm outros, como atrás das águas outras águas; e, para definir essas ondas sucessivas é que os homens inventaram este nome de netos. D. Camila viu iminente o primeiro neto, e determinou adiá-lo (ASSIS, 1994, p. 99).

Depois de anos evitando o casamento da filha, em parte por almejar sua felicidade, em parte por adiar ter de assumir o fim de sua própria juventude, D. Camila aceita seu casamento, mas é assombrada pelos sinais de envelhecimento que aparecem e pela proximidade em tornar-se avó. Ponto crítico do conto, a perspectiva de deixar a alcunha de mãe e o *status* social desta posição, e assumir o papel - e a idade - de avó, revela a vaidade da personagem e a ambiguidade de sua disposição para o papel social materno, em contraste com sentimentos que nutre por Ernestina.

Sobre o caráter de D. Camila, o narrador declara que “a senhora, D. Camila, amou tanto a mocidade e a beleza, que atrasou o seu relógio, a fim de ver se podia fixar esses dois minutos

de cristal” (ASSIS, 1994, p. 96). Em contraposição, o narrador comenta que Ernestina “era muito espigada, muito quieta, com uns modos naturais de senhora” (ASSIS, 1994, p. 97). O tom de dubiedade do conto, e a comparação das imagens de D. Camila e Ernestina estão presentes já no título da obra. Podemos compreender o termo senhora como mulher casada e da classe burguesa no Brasil oitocentista, ou aderir ao sentido de velhice também veiculado pela palavra. Do mesmo modo, o conto deixa em aberto a quem se refere por senhora - a que corresponde em condição social a este título - D. Camila -, ou a que se aproxima em características do termo - Ernestina.

A escolha da nomenclatura de D. Camila é tendenciosa para a leitura da personagem como mulher de idade mais avançada, marcando duplamente sua posição social enquanto mulher casada e mãe, e permitindo antever sua idade - já não é apenas Camila, mas carrega aspectos de dona, termo igualmente plurissignificativo. A vaidade que o narrador aponta com criticidade na personagem é também perdoada previamente, conforme o trecho “Nenhum defeito, pois, exceto o de retardar os anos; mas isso é um defeito?” (ASSIS, 1994, p. 98). Em D. Camila está combinada a devoção materna e o amor à vaidade, segundo o narrador, em doses iguais.

Segundo Pietrani (2000), a maternidade é compreendida neste sistema como “estágio mais nobre que a mulher poderia alcançar - logo, o fim” (PIETRANI, 2000, p. 78). D. Camila, porém, tem como impasse o que é posterior à maternidade - tornar-se avó significa assumir o fim definitivo da juventude, seu bem maior. Apesar de impedir o crescimento dos fios brancos, não é possível impedir o crescimento de Ernestina, por mais que a mãe busque meios diversos de adiar o inevitável - a sequência da vida comum burguesa de criar os filhos, casá-los e esperar seus descendentes, que seguem a mesma instrução.

O tempo é fator crítico, pois o decorrer dele força a personagem a abandonar suas vaidades e dar lugar à filha. Neste sentido, o narrador comenta que “a natureza, porém, que não é só imoral, mas também ilógica, enquanto sofrea os anos de uma, afrouxava a rédea aos da outra, e Ernestina, moça feita, entrou radiante no primeiro baile” (ASSIS, 1994, p. 98). A chegada de Ernestina na maturidade marca o envelhecimento de D. Camila, tirando desta a filha, mas também a juventude. O narrador conta, por fim, que D. Camila é vista pelas ruas com seu neto, sempre estendendo-se em cuidados com ele, de modo que a sociedade julga ser ela a mãe - forma de manter-se jovem socialmente, vista ainda como mãe, não como avó da criança. Nesta virada do conto, observamos a artimanha da personagem, seu novo modo de preservar a juventude - negando o passar do tempo, do mesmo modo que arranca os cabelos brancos tão logo eles aparecem, D. Camila escapa da alcunha de senhora idosa e reforça sua posição de

senhora da sociedade. Ernestina não é considerada, e sua relação com a mãe, bem como com a criança fica no ponto cego da narrativa - que se preocupa em apresentar D. Camila unicamente, com foco narcisístico similar ao da personagem, que considera exclusivamente sua própria posição.

Sua posição representa, por um lado, a adequação ao *status quo* da sociedade burguesa, ao mesmo passo que reafirma sua inadequação e infelicidade com a ordem social estabelecida que a relega ao inevitável destino. Esse descontentamento vai de acordo com a proposição de que

Pertenceu à mulher a tarefa de resguardar toda aquela pureza que jamais floresceu num mundo maculado; daí seu confinamento no lar, recinto preservador das virtudes necessárias às tarefas da mãe, elemento responsável pelo equilíbrio moral da família célula fundamental da sociedade, segundo os positivistas brasileiros dos fins do século XIX e começo do século XX (XAVIER, 2005, p. 76).

Assim, Camila mostra-se também um perfil passível de análise sob o viés da maternidade, com seu conflito entre os sentimentos em relação à sua descendente, em contraponto ao seu imperioso amor próprio.

3.3. PONTO CRÍTICO

Em *A personagem feminina no romance de Machado de Assis*, Therezinha Xavier (2005) explicita que: “Para Simone de Beauvoir, a reprodução é a fonte da opressão feminina e, para Firestone, a maternidade é responsável pela condenação primária da mulher, podendo o homem dominar por ser desprovido das funções reprodutoras” (XAVIER, 2005, p. 43).

Sob o viés crítico da maternidade e as representações do feminino na prosa de ficção machadiana, nota-se que os contos em questão têm por ponto crítico a questão da mulher/mãe e da relação entre maternidade e o *status* social. Ao abordar uma experiência de maternidade que desfaz o ideal romântico e religioso da Mãe, expondo questões da pessoalidade das personagens que atravessam este papel, as obras refletem criticamente a condição feminina e o papel materno.

Segundo a proposta de Cilene Margarete Pereira (2013), “Uma senhora” poderia ser interpretado como reescrita de “O segredo de Augusta”, no que se refere ao aproveitamento do tema e aos procedimentos estéticos presentes em ambos os contos. Desta forma, a vinculação entre os textos estaria além da autoria, mas presente na própria concepção dos contos, sendo as personagens de Augusta e Camila espelhos de uma mesma representação: a maternidade

vaidosa. De todo modo, em “O segredo de Augusta” e “Uma senhora”, encontramos representações da maternidade de formas aparentemente semelhantes: ambas, Augusta e D. Camila, opõem-se ao abandono da vaidade e da juventude em nome da abnegação moral exigida socialmente pela maternidade. Neste aspecto, é relevante observar a construção das personagens, em relação à vaidade e ao vínculo materno com a filha.

4. A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE

Em *O amor conquistado*, Badinter propõe que “o amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil, imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina” (BADINTER, 1985, p. 22). Em contraponto, Xavier explicita as qualidades que correspondem a uma boa esposa e mãe oitocentista, que deve seguir a cartilha:

Casamento, como solução primeira para a realização da mulher. Felicidade, como consciência do dever cumprido de criar uma família e ter garantia econômica para um futuro tranquilo. Beleza, fundamental para a valorização do ser, valor absoluto colocado como meta ou ideal. Virgindade, selo de garantia do amor e padrão aferidor do valor da mulher. Modéstia. Delicadeza. Submissão voluntária. Pudor. Discrição. Bondade. Desprendimento. Generosidade. (XAVIER, 2005, p. 66-67).

A postura das personagens, apesar de afastarem-se da construção patriarcal da maternidade, não é tomada como repreensível. Machado trata, na verdade, da subjetividade feminina, ainda que dissidente do padrão moralmente aceitável segundo as concepções sociais, abrindo, assim, a possibilidade de representar as contradições propriamente humanas também em personagens femininas, sem reservar a complexidade desse tratamento ao gênero masculino e sem reduzir a representação da psique feminina a estereótipos simplistas.

4.1. VAIDADE

O apego às aparências e à juventude são características que unem Augusta e Camila. Apesar de possuírem caráter distinto, têm em comum a vaidade, traço apontado pelo narrador como único sentimento mau a riscar a retidão das senhoras. Acerca da vaidade feminina na obra machadiana, Therezinha Mucci Xavier ressalta que

Ele retratou-as como os bibelôs que eram as mulheres da época, preocupadas exclusivamente com frivolidades, como o quis a sociedade masculina que, por muitos séculos, regalou-as a um segundo plano, impedindo-as de saber, aprender e pensar, impondo-lhes uma menoridade intelectual e formando, no dizer de Heloneida Studart, uma “multidão de cérebros desperdiçados” (XAVIER, 2005, p. 39).

Desta forma, a “frivolidade” é característica recorrente nas personagens femininas machadianas, sobretudo naquelas das obras iniciais do autor. As mulheres que compartilham o traço da vaidade em Machado são também de uma camada social estabelecida: brancas, burguesas, senhoras de berço privilegiado ou bom casamento. A esta camada social, que fica restrita ao espaço doméstico, as vaidades estéticas parecem ser ponto central da existência e da

sociabilidade, uma vez que principalmente através da beleza se conquistam benesses sociais e econômicas, não através de qualquer outro meio.

D. Camila, de “Uma senhora”, é descrita como parte “daquela casta de mulheres que riem do sol e dos almanaques; cor de leite, fresca, inalterável, deixava às outras o trabalho de envelhecer. Só queria o de existir” (ASSIS, 1994, p. 97). Rivalizando com a filha, o narrador revela que Camila passava sem sobressaltos como irmã de Ernestina. Sua beleza é o triunfo de sua vida, e perder a juventude, para ela, seria o pior dos males. O horror em abandonar a juventude está presente em sua relação com os cabelos brancos, que perpassa o conto.

Tinha visto, sobre a fronte esquerda, um cabelinho branco. Ainda cuidou que fosse do marido; mas reconheceu depressa que não, que era dela mesma, um telegrama da velhice, que aí vinha a marchas forçadas. O primeiro sentimento foi de prostração. D. Camila sentiu faltar-lhe tudo, tudo, viu-se encanecida e acabada no fim de uma semana (ASSIS, 1994, p. 101).

Negar os cabelos brancos é um movimento semelhante ao de negar a alcunha de avó, e o trabalho da personagem está em adiar ao máximo os inevitáveis sinais do tempo: os cabelos brancos e os pretendentes da filha - arranca-os tão logo surgem. O amor à juventude é também o único que supera em D. Camila o amor que sente pela filha, o que desconstrói na personagem o ideal do amor materno, estando o amor próprio à frente mesmo da maternidade.

Em “O segredo de Augusta”, a personagem é assim caracterizada:

Conservava a mesma frescura dos quinze anos, e tinha de mais o que faltava a Adelaide, que era a consciência da beleza e da mocidade; consciência que seria louvável se não tivesse como consequência uma imensa e profunda vaidade. A sua estatura era mediana, mas imponente. Era muito alva e muito corada. Tinha os cabelos castanhos, e os olhos garços. As mãos compridas e bem feitas pareciam criadas para os afagos de amor. Augusta dava melhor emprego às suas mãos; calçava-as de macia pelica (ASSIS, 1994, p. 83).

Segundo o narrador, de aparência mais jovem que a filha, Augusta ocupa-se pouco em atividades que não sejam para o bem da própria beleza. Apesar de possuir as qualidades para corresponder à dedicação maternal e doméstica esperadas, a senhora se nega a qualquer preocupação além de si mesma.

O amor à beleza da personagem é atestado quando o narrador tece um comentário acerca de seu caráter: “Augusta era vaidosa, [...] não era feita para as paixões, a não ser as paixões ridículas que a vaidade impõe. Ela amava antes de tudo a sua própria beleza; o seu melhor amigo era o que dissesse que ela era mais bela entre as mulheres” (ASSIS, 1994, p. 102). O egoísmo, compreendido como movimento que visa unicamente o bem próprio, está explícito na personagem. Presença frequente no meio social, Augusta não abre mão de si para corresponder

aos preceitos da maternidade e domesticidade patriarcais - a ponto de negligenciar os cuidados destas estruturas para manter sua aparência social intacta.

De acordo com Cilene Margarete Pereira, em seu estudo comparativo, “ambos os contos, por tratarem do tema da vaidade feminina, apontam uma espécie de crítica destinada à sociedade burguesa que produz “mulheres ornamentais” (PEREIRA, 2012, p. 50). O que seria crítica ao comportamento feminino é, porém, tratado pelo narrador de modo imparcial, conforme declara em: “dir-me-á o leitor que a beleza vive de si mesma, e que a preocupação do calendário mostra que esta senhora vivia principalmente com os olhos na opinião. É verdade; mas como quer que vivam as mulheres do nosso tempo?” (ASSIS, 1994, p. 98).

Apesar de reconhecer a vaidade como aspecto questionável, a voz narrativa não usa dessa característica para condenar as personagens - e, até, justifica que os traços viciosos em Augusta e Camila são características próprias de sua ocupação e tempo, preservando as personagens da leitura estritamente negativa.

4.2. A MULHER E A MÃE

Apesar de a maternidade no regime patriarcal perpetuar o sacrifício do indivíduo em nome da abnegação materna, uma “anulação de si mesma como pessoa” (PIETRANI, 2000, p. 90), as personagens machadianas insistem em suas características individuais, ainda que isso as torne repreensíveis ou moralmente questionáveis na visão social oitocentista. Impedindo que a mãe se sobreponha à mulher, Augusta e Camila colocam a si mesmas no centro, e esta posição de resistência do plano individual acarreta mudanças nas relações familiares.

A disposição para representar o papel materno é diversa nos contos, considerando que Augusta e Camila, por mais que se aproximem em certas características, diferem virtualmente em sua relação com a maternidade.

Em “O segredo de Augusta”, encontramos a personagem dissociada de qualquer cuidado doméstico ou maternal. Este fato é explicitado desde a primeira cena do conto, quando Augusta demonstra indiferença quanto às atividades da filha e do marido, e é salientado pelo narrador no decorrer da narrativa. Em momento chave do conto, porém, o amor de Augusta pela filha é posto diretamente em questão, na acusação do marido, que segue sem confirmação ou negação:

O amor do luxo e do supérfluo, disse ele, há de sempre produzir estas consequências. São terríveis, mas explicáveis. [...]. Sabes o que me disse uma vez meu irmão? Disse-me que a ideia de mandar Adelaide para a roça foi-te

sugerida pela necessidade de viver sem cuidados de natureza alguma (ASSIS, 1994, p. 100).

A dúvida é levantada sobre o caráter da personagem - negar-se ao papel materno seria, na sociedade patriarcal, uma falha imperdoável. Augusta, que também mascara suas intenções sob a frente de cuidado materno quando nega a mão da filha em casamento, é colocada em xeque, já que, sob a ótica da maternidade no regime do patriarcado, sua existência é justificada pelo dever materno.

D. Camila possui disposição diferente para a maternidade. Em “Uma senhora”, a personagem cumpre com as tarefas da posição socialmente estabelecida de esposa e mãe. Esta doação, porém, não é ilimitada, como supõe o mito do amor materno, mas se limita até onde é soberano o amor próprio da senhora. O narrador declara que a mãe adora verdadeiramente a filha e deseja a ela um casamento tão feliz quanto o seu - sendo essa a justificativa de suas campanhas contra os pretendentes da filha. Em contraponto, a voz narrativa também instaura a dúvida, uma construção irônica intrincada, como em

Eram ambas bonitas, e Ernestina tinha a frescura dos anos; mas a beleza da mãe era mais perfeita, e apesar dos anos, superava a da filha. Não vamos ao ponto de crer que o sentimento da superioridade é que animava D. Camila a prolongar e repetir os passeios. Não: o amor materno, só por si, explica tudo. Mas concedamos que animasse um pouco. Que mal há nisso? Que mal há em que um bravo coronel defenda nobremente a pátria, e as suas dragonas? Nem por isso acaba o amor da pátria e o amor das mães (ASSIS, 1994, p. 100).

O embate entre o sentimento materno e a vaidade do indivíduo cria dubiedade quanto aos sentimentos de Camila. No contexto da maternidade idealizada, porém, o amor materno implica a inexistência de motivações pessoais na figura da mãe, e a representação da contradição na personagem distorce este paradigma.

Em maior ou menor grau, a relação com a maternidade é parte da realidade interior das personagens, e não a totalidade de seus seres. De acordo com a proposta de Lúcia Miguel-Pereira, “talvez haja, no fundo do menor apego da mulher machadiana ao filho uma obscura revolta contra os sacrifícios que essa lhe exige” (PEREIRA, 2009, p. 4). Manifestando o embate entre a individualidade e a abnegação, Augusta e Camila representam os limites entre mulher e mãe, quando estas categorias são interseccionadas e quando são excludentes.

5. CONTRASTES DA IDADE

A fim de melhor compreender o caráter da maternidade representado em Augusta e Camila, se faz necessário observar mais detidamente suas filhas. Em Adelaide e Ernestina estão a realização cabal da maternidade das personagens, e sua relação para com essas mulheres, suas filhas, é de trivial importância para a investigação do perfil de maternidade expresso nos contos.

É relevante considerar que Augusta e Camila tiveram filhas mulheres, e a notação de gênero pode ser relevante na expressão de maternidade das personagens. Em constante tom comparativo, o narrador aproxima as mulheres dos contos, mãe e filha, de modo a supor uma espécie de rivalidade entre as personagens. A filha é imagem e semelhança da mãe, porém sua juventude ainda está por vir, enquanto a da mãe se esvai - desta forma, Adelaide e Ernestina são opostos complementares de suas mães, e a vaidade destas não deixa de notar esse conflito, como apresenta a voz narrativa.

Ambas, Ernestina e Camila, estão fadadas ao mesmo dilema e destino das mães, dada a falta de qualquer possibilidade além do casamento e da maternidade compulsória no contexto da burguesia oitocentista. Sendo mulheres mais jovens, as mães são treinadas a passar-lhes a ideologia patriarcal, mantendo a tecnologia de opressão da família burguesa tradicional às mulheres, sob o crivo do patriarcado. Deste modo, as filhas são mais uma geração que estará sob a tutela masculina. Augusta e Camila não estão imbuídas da missão de zelar por um homem, centro da sociedade, mas de encaminhar uma mulher para o mesmo destino servil que o delas. Suas filhas são, deste modo, seres que ofuscam a beleza e a juventude das mães, rivais femininas, e não um bendito fruto de seus ventres.

Apesar de sua relevância, já que filhas únicas, mulheres, e quem torna Augusta e Camila mulheres-mães, Adelaide e Ernestina são secundárias nos contos. Em leitura estrita, nota-se que não são mencionadas quaisquer características distintivas, que digam das personagens para além do lugar-comum da mulher oitocentista. Diferente das mães, centro explícito das narrativas, Adelaide e Ernestina não se desenvolvem em complexidade ou características, mantendo-se de acordo com a nulidade à qual a mulher oitocentista foi submetida.

Considerando a afirmativa de Therezinha Xavier, ao informar que “Machado de Assis não analisa a força da hereditariedade e do organismo, nas suas personagens” (XAVIER, 2005, p. 70), faz-se necessário deter-se nestas relações, como meio de melhor compreender a representação da maternidade em “O segredo de Augusta” e “Uma senhora”.

5.1. ADELAIDE E AUGUSTA

Em “O segredo de Augusta”, Adelaide é caracterizada como pouco familiarizada com os costumes da corte, inocente e abnegada, preocupada com seu pai e disposta a sacrificar-se, se assim for exigido pela figura paterna. A personagem é descrita brevemente, apenas em comparação com a mãe, em: “As graças de Augusta estavam todas em Adelaide, mas em embrião. Adivinhava-se que aos vinte anos Adelaide devia rivalizar com Augusta” (ASSIS, 1994, p. 84).

Em constante comparação entre as personagens femininas do conto, o narrador arquiteta um sistema de oposição entre Adelaide e Augusta, desde a primeira interação entre as duas, que expressa de antemão a diferença da disposição familiar entre as mulheres:

D. Augusta Vasconcelos está reclinada sobre um sofá, com um livro na mão. Adelaide, sua filha, passa os dedos pelo teclado do piano.

— Papai já acordou? pergunta Adelaide à sua mãe.

— Não, responde esta sem levantar os olhos do livro. Adelaide levantou-se e foi ter com Augusta.

— Mas é tão tarde, mamãe, disse ela. São onze horas. Papai dorme muito. Augusta deixou cair o livro no regaço, e disse olhando para Adelaide: — É que naturalmente recolheu-se tarde.

— Reparei já que nunca me despeço de papai quando me vou deitar. Anda sempre fora. Augusta sorriu.

— És uma roceira, disse ela; dormes com as galinhas. Aqui o costume é outro. Teu pai tem que fazer de noite.

— É política, mamãe? perguntou Adelaide.

— Não sei, respondeu Augusta. (ASSIS, 1994, p. 83-84)

Não apenas as construções, mas também o vocabulário empregado na descrição das personagens sugerem comparação direta e rivalidade. Descrita sempre em oposição à Augusta, Adelaide é citada constantemente em relação à mãe, como em: “Adelaide reformou-se, e no dia em que começa esta narração já era outra; todavia estava ainda muito longe de Augusta” (ASSIS, 1994, p. 85), e em: “Tinha Augusta trinta anos e Adelaide quinze; mas comparativamente a mãe parecia mais moça ainda que a filha. Conservava a mesma frescura dos quinze anos, e tinha de mais o que faltava a Adelaide, que era a consciência da beleza e da mocidade” (ASSIS, 1994, p. 83).

O pouco interesse de Augusta por Adelaide é expresso em diferentes ocasiões, e diante das recusas da mãe ao casamento da filha, as pessoas de fora da família supõem que a razão

não é o egoísmo, e sim o excesso de cuidado materno. O mesmo cuidado é suposto quando Augusta manda Adelaide para morar no interior, costume comum na época com justificativa de educar a moça. O que atribuíram como cuidado da mãe, porém, é questionado pelo pai, Venâncio, que acusa Augusta de ter enviado a filha para longe para livrar-se do fardo de criá-la. Apesar de esta possibilidade ficar sem confirmação de Augusta, Cilene Miguel Pereira afirma que

Certamente, é possível crer na explicação de Lourenço para o exílio imposto a Adelaide pela própria mãe, que ao invés de cercar sua filha de mimos e cuidados, se distancia dela como se fosse um obstáculo a seu brilho social de dama elegante, deixando-a aos cuidados de parentes distantes na roça. (PEREIRA, 2012, p. 46)

Adelaide apresenta também comportamento servil, sobretudo em relação à figura paterna. Na ocasião em que o pai a obriga ao casamento, utilizando de sua supremacia familiar para impor sua vontade, conforme expresso em “É a minha vontade, e nesta casa quem manda sou eu” (ASSIS, 1994, p. 97), Adelaide suplica que não a obrigue, mas sua revolta torna-se tristeza, e logo aceitação, como aparece em “Adelaide, que era um espírito fraco, cederia ao último que lhe falasse, e os conselhos de um dia seriam vencidos pela imposição do dia seguinte” (ASSIS, 1994, p. 97). Oposta mais uma vez a Augusta, que desafia a palavra de Venâncio e impõe-se sobre ela, Adelaide é abnegada e obedece ao lugar a ela reservado na hierarquia patriarcal, conforme atesta o narrador em “como os leitores já sabem, Adelaide queria muito ao pai, e era capaz de fazer por ele tudo. Era, além disso, um excelente coração” (ASSIS, 1994, p. 94).

Sua nulidade está também expressa em sua recusa ao casamento, que não possui maior razão a não ser a neutralidade da moça, como revelado em “Adelaide não amava ninguém. A sua recusa não tinha por ponto de partida nenhum outro amor; também não era resultado de aversão que tivesse pelo seu pretendente. A menina sentia simplesmente uma total indiferença pelo rapaz” (ASSIS, 1994, p. 95). Deste modo, encontramos em Adelaide um perfil de inocência, subserviência e nulidade, conforme o ideal feminino na sociedade patriarcal. Em relação à Augusta, a mãe é distanciada da filha e não demonstra qualquer preocupação com ela - quando parece demonstrar, é apenas mais cuidado consigo própria. A comparação entre as duas é realizada por parte do narrador de modo constante, embora não seja demonstrada pelas próprias personagens. Assim, em condição de oposição pela voz narrativa, Adelaide e Augusta são representações radicalmente distintas do feminino, não aparentando estar o gênio da mãe, sua mais forte característica, presente também na filha.

5.2. ERNESTINA E CAMILA

Em “Uma senhora” encontramos brevemente a figura de Ernestina. Na narrativa, Camila é o eixo central, e os esforços do narrador são despendidos em desenhar seu caráter. Na cena inicial, conhecemos que

Ernestina estava então entre quatorze e quinze anos, era muito espigada, muito quieta, com uns modos naturais de senhora. Provavelmente não se divertia com as meninas de oito e nove anos; não importa, uma vez que deixasse a mãe tranquila, podia alegrar-se ou enfadar-se (ASSIS, 1994, p. 97).

Sua apresentação demonstra, em primeiro lugar, sua distinção, supostamente uma característica inata de Ernestina que a predestina a tornar-se uma mulher de acordo com o ideário social. Indica também os traços de idade mais avançada, opostamente à mãe, que segue jovem além do tempo. Sabemos também de sua inadequação em relação ao tratamento da mãe, que tentava prolongar sua infância, e a abnegação de Ernestina em relação ao desejo da mãe - enquanto ela estivesse satisfeita, não importa sua própria perspectiva, conforme a postura de abnegação dentro do ideal de amor materno incondicional.

D. Camila adora a filha, como nos revela o narrador, e demonstra para com ela cuidados e carinho maternos. Também a relação de Camila com seu esposo é de alegria conjugal, não havendo embate familiar em cena. Deste modo, o único porém da personagem é sua vaidade, motivo do enredo da narrativa. Esta vaidade penetra na relação de Camila com a filha, apesar de seus carinhos maternos, estando tal movimento expresso por comparação do narrador, ou mesmo revelação da voz narrativa sobre a situação interior da senhora.

Conforme expresso em “O fio branco esteve ali; era a filha de D. Camila que entrava nos dezenove anos, e, por mal de pecados, bonita” (ASSIS, 1994, p. 98), há noção de comparação e rivalidade entre as personagens femininas do conto. Ernestina cresce, tornando-se substituta natural da mãe, e a perspectiva de abdicar de sua posição, mesmo que para a filha, é intolerável a Camila. Em construção irônica, dependendo de uma série de recursos próprios da voz narrativa machadiana, o narrador revela o sutil da relação entre mãe e filha:

Eram ambas bonitas, e Ernestina tinha a frescura dos anos; mas a beleza da mãe era mais perfeita, e apesar dos anos, superava a da filha. Não vamos ao ponto de crer que o sentimento da superioridade é que animava D. Camila a prolongar e repetir os passeios. Não: o amor materno, só por si, explica tudo. Mas concedamos que animasse um pouco. Que mal há nisso? Que mal há em que um bravo coronel defenda nobremente a pátria, e as suas dragonas? Nem por isso acaba o amor da pátria e o amor das mães (ASSIS, 1994, p. 100).

Deste modo, o narrador coloca em xeque não apenas o amor de D. Camila para com a filha, mas o próprio ideal de amor materno, ao permitir que exista contradição dentro da suposta abnegação natural e absoluta de ser mãe. A interpretação do trecho permite aproximar-se da afirmativa de Pietrani (2000), segundo a qual

observamos que estamos diante de um narrador bastante capcioso, que, em sua volubilidade estilística, apodera-se dos emblemas da sacralidade e da divindade maternas e, com eles, apresenta um modo de ser mãe fragmentário que, simultaneamente, se multiplica em sentidos (e sentimentos) não abrigados pela maternidade tal como socialmente idealizada (PIETRANI, 2000, p. 93).

A voz narrativa, deste modo, opera a desconstrução do lugar-padrão ideológico da maternidade, permitindo a anulação das dicotomias entre bom e mau, pleno ou parcial. Sobre a anulação das oposições realizada pelo narrador irônico, Ronalds de Melo e Souza (2006) afirma que “a ironia é, pois, uma nova forma de conhecimento, em que a contradição é consentida” (SOUZA, 2006, p.41). O narrador machadiano atua sobre essa prerrogativa na construção narrativa de “Uma senhora”. O narrador permite conhecer também, em outros momentos do texto, as contradições internas na relação de Ernestina com a mãe, como em “[D. Camila] Nunca a achou tão graciosa e lépida. Fitou-a com saudade. Fitou-a também com inveja, e, para abafar este sentimento mau, pegou no bilhete do camarote” (ASSIS, 1994, p. 102). Assim, pela perspectiva da mãe, acompanhamos o crescimento de Ernestina, que segue demonstrando as ideias acerca do gênero feminino na sociedade patriarcal.

A personagem Ernestina é, assim, apresentada, em relação à mãe ou sob perspectiva desta. As figuras de mãe e filha são comparadas pela voz narrativa, explicitamente, ou são aproximadas sob a perspectiva do sentimento de Camila, de caráter dúbio - tornam-se, assim, também, opostos complementares, aqui por ação inevitável do passar do tempo, conforme expresso em “A natureza, porém, que não é só imoral, mas também ilógica, enquanto sofria os anos de uma, afrouxava a rédea aos da outra, e Ernestina, moça feita, entrou radiante no primeiro baile” (ASSIS, 1994, p. 98). Enquanto uma murchava, a outra florescia, consequência que D. Camila tenta adiar o máximo possível. É interessante notar, também, que a partir do casamento, Ernestina é ocultada da narrativa, e fica de fora da resolução do enredo. D. Camila apresenta-se como mãe do neto, e não há sinal de Ernestina nesta relação.

Em relação a Camila e Ernestina, a desconstrução do ideal do amor materno opera de modo explícito, pois ao contrário de distanciamento emocional e pouca conexão, estamos em frente à mãe-e-filha tal qual a expectativa de relação familiar, expressando carinho e correspondendo ao sentimento mutuamente. A voz da narrativa, porém, permite conhecer o

entrave existente neste sentimento, que ideologicamente acredita-se ser nato e absoluto, mas que é exposto como ambíguo e complexo.

6. DEPOIS DE MULHER E MÃE

Considerando o contexto discutido, em que a família patriarcal impera na sociedade tanto no âmbito prático quanto ideológico, e que a manutenção desta estrutura se dá através de diversos mecanismos, como mencionado, entre eles o ideal de maternidade, cabe tomar a maternidade como fator compulsório e dever imposto ao gênero feminino.

A maternidade pode ser compreendida como compulsória na medida em que os mecanismos de socialização e a estrutura social e familiar condicionam à maternidade, sem que qualquer reflexão ou livre arbítrio sejam considerados. Neste sentido, César et al (2019) revisita a bibliografia teórica e sistematiza que

Segundo Caporal et al (2017), há uma romantização da maternidade enquanto realização da mulher, que desconsidera suas subjetividades e as opressões por elas vivenciadas, para que se dediquem exclusivamente ao(s) filho(s), algo que não é igualmente cobrado dos homens/pais. Do mesmo modo, mulheres que optam por não terem filhos sofrem com a pressão da maternidade compulsória, encarada como destino natural de todas as mulheres.

Do mesmo modo, Badinter (1980) aponta que o amor maternal não é da essência da mulher, de modo que seu interesse e dedicação pelo filho(a) podem ocorrer, ou não. Ainda, os papéis sociais de mãe e de pais tampouco são naturais, estando subordinados a exigências e valores dominantes de cada sociedade (CÉSAR et al, 2019, p. 68).

Salvo o anacronismo, é útil considerar sob a luz deste conceito as representações da maternidade, dada a possibilidade de compreender melhor os sentimentos expressos pelas personagens femininas machadianas. Em “O segredo de Augusta”, a personagem é caracterizada por sua distância do ideal de afeto maternal, e sua preocupação recai sobre si e seu *status* social, não havendo fator que indique, implícita ou explicitamente, sua voluntariedade em tornar-se mãe - Adelaide, por sua vez, é descrita como apta para exercer a função exigida, mas não se considera pronta e é coagida ao casamento e à maternidade. Em “Uma senhora”, D. Camila dispõe de capacidades afetivas da maternidade, apesar de prezar, acima de tudo, a si mesma, enquanto Ernestina representa o ideal feminino, mas sua presença é desconsiderada em relação à própria maternidade.

Neste rol de representações, a maternidade é apresentada em diferentes nuances, mas, em todas elas, é deslocada de seu lugar-comum e despida de sua incondicionalidade e voluntariedade. No contexto em que se inscrevem, o dever de garantir a linhagem familiar é o objetivo primeiro do casamento, e na esfera da família burguesa, o casamento é o caminho natural de toda mulher - tornar-se esposa ou freira, não havendo meio de escapar da regra da família tradicional.

Os contos “O segredo de Augusta” e “Uma senhora” possuem, como ponto comum final, o impasse da mulher que teme tornar-se avó. Em esforço comparativo, cabe olhar mais detidamente para esta característica de enredo, buscando compreender a relação entre a vaidade das personagens e o desconforto com a descendência familiar, símbolo de mudança na esfera material, de *status* social, e interior, enquanto condição psicológica e imagem de si.

6.1. TORNAR-SE AVÓ

Neste contexto, em que a maternidade se impõe como axioma, destino natural, espera-se que, após a gestação e a criação de uma menina, ela siga o destino materno, tornando-se esposa e, logo, mãe - este é o caso de Adelaide e Ernestina. O narrador machadiano demonstra a naturalidade desta instrução no Brasil oitocentista, ao declarar, em “Uma senhora”, que

Os dias precipitavam-se. Crianças que ela vira ao colo, ou de carrinho empuxado pelas amas, dançavam agora nos bailes. Os que eram homens fumavam; as mulheres cantavam ao piano. Algumas destas apresentavam-lhe os seus babies, gorduchos, uma segunda geração que mamava, à espera de ir bailar também, cantar ou fumar, apresentar outros babies a outras pessoas, e assim por diante (ASSIS, 1994, p. 102).

Nos contos, a preocupação em tornar-se avó é apresentada de modos distintos, embora ambas, Augusta e Camila, tenham, como finalidade de suas ações, postergar o momento de assumir tal denominação.

Em “O segredo de Augusta”, o tornar-se avó aparece como justificativa implícita no decorrer do texto, sendo utilizado como revelação do enredo. A indisposição de assumir-se mais velha, pela gravidade de ter em sua descendência já uma segunda geração, é o que motiva as negativas de Augusta em relação ao casamento arranjado da filha, estando assim este impasse no centro da ação narrativa, ainda que subliminarmente. A revelação da motivação de Augusta se dá em conversa com sua amiga, Carlota, quando a senhora confessa que “eu tenho medo por causa dos filhos dela que serão meus netos! A ideia de ser avó é horrível, Carlota” (ASSIS, 1994, p. 106). Em seguida à declaração, Venâncio a acusa de ter tal atitude por egoísmo e vaidade, desconsiderando assim o bem-estar da filha em favor de si mesma.

Em “Uma senhora”, por sua vez, o impasse representado pela chegada da próxima geração é explícito, e o narrador acusa, desde a apresentação do motivo do conto, o tema da vaidade em relação à denominação de avó, que carrega o eminente envelhecimento. D. Camila possui aparência jovem, e sua juventude é seu orgulho. Assumir o papel de avó acusaria sua idade, então a defesa da manutenção da condição de mãe - ou mesmo de irmã de Ernestina,

como diziam os comentários sociais - é o empenho maior da senhora, que ganha alguns anos a mais de juventude, primeiro evitando casar a filha, depois assumindo o neto como filho recém-nascido, como se fosse ainda ela uma jovem mãe, e não uma avó. O narrador reflete sobre esse movimento, enquanto revela a ambiguidade dos sentimentos de D. Camila, como em

Púrpura supõe dinastia. Dinastia exige netos. Restava que o Senhor abençoasse a união, e ele abençoou-a, no ano seguinte. D. Camila acostumara-se à idéia; mas era tão penoso abdicar, que ela aguardava o neto com amor e repugnância. Esse importuno embrião, curioso da vida e pretensioso, era necessário na terra? Evidentemente, não; mas apareceu um dia, com as flores de setembro. Durante a crise, D. Camila só teve de pensar na filha; depois da crise, pensou na filha e no neto. Só dias depois é que pôde pensar em si mesma. Enfim, avó. Não havia que duvidar; era avó. Nem as feições que eram ainda concertadas, nem os cabelos, que eram pretos (salvo meia dúzia de fios escondidos), podiam por si sós denunciar a realidade; mas a realidade existia; ela era, enfim, avó (ASSIS, 1994, p. 103).

Para Adelaide, de “O segredo de Augusta”, o casamento é apresentado como imposição, a qual a menina aceitou a contragosto, por força da submissão ao pai, e, em sequência, ao próprio marido. Apesar de não seguirmos acompanhando Adelaide em sua vida de noiva, esposa e mãe, o perfil da personagem permite intuir que esta segue, de acordo com sua socialização, subjugada frente às tradições patriarcais. Ernestina, de “Uma senhora”, segue o mesmo padrão, mas, nesta narrativa, o narrador acompanha o nascimento do neto de D. Camila, desconsiderando totalmente a experiência de Ernestina com a maternidade.

Deste modo, fica evidente a relevância deste traço nas narrativas estudadas, uma vez que, para a manutenção do mecanismo de reprodução do patriarcado, é necessária a reprodução geracional, questão que se apresenta como impasse para as personagens femininas de “O segredo de Augusta” e “Uma senhora”, tornando-se imposição social no que concerne à coerção à maternidade e no âmbito da opinião social sobre a mulher.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste esforço de síntese de ideias em torno das personagens, buscou-se esboçar como estas representações da maternidade são relevantes para pensar a mulher machadiana e a própria condição da maternidade na sociedade - do século XIX, e ainda hoje. Demonstrou-se de utilidade ímpar a sistematização de bibliografia, dado a variedade de conceitos e definições dos termos tratados e o universo da crítica machadiana. Buscar no corpo do texto os traços das personagens e fatores que poderiam auxiliar em sua compreensão foi também método essencial para estabelecer os perfis e comparações da representação da mulher-mãe nos textos.

Estabelecida a relevância do tornar-se avó para Augusta e Camila, bem como das relações com as filhas e a centralidade da vaidade relacionada à juventude em suas representações, cabe compreender como estes fatores integram a construção das personagens, como possibilidade de leitura dos contos.

O narrador machadiano é peça fulcral para a construção da ambiguidade nas personagens, ao revelar as contradições entre sentimento e razão, amor e inveja. No caso de “Uma senhora” e “O segredo de Augusta”, o narrador confere genuinidade à contradição, inaugurando o amor materno como volátil e incerto, como todo sentimento humano. Desta forma, podemos pensar em um movimento convergente e simultâneo, conforme exposto nos textos. Invertendo os parâmetros sociais e temporais, Augusta e Camila representam a juventude, enquanto Adelaide e Ernestina são suas detentoras. Como indica o narrador, o tempo que se esvai para uma chega para a outra, e o envelhecimento inescapável é o amadurecimento eminente da filha e sua descendência. A descendência é representativa, assim, da própria decadência da vaidade das senhoras, sustentáculo de sua relevância social.

Conclui-se que Augusta e Camila representam a mulher burguesa oitocentista, cumprindo um papel social traçado sem distinção, servindo aos mecanismos do patriarcado para manutenção dos mesmos. Nesta representação materna, que comporta a ambiguidade e a volubilidade interior à condição da mulher-mãe, há uma afirmação da humanidade do amor materno, enquanto sentimento propriamente humano, portanto, falho. O autor contempla, assim, a complexidade dos sentimentos humanos - e femininos, tornando Augusta e Camila perfis interessantes para pensar a maternidade e um prelúdio das mulheres machadianas que estavam por vir.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. Contos fluminenses. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. Histórias sem data. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- _____. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CÉSAR, Ruane Cristine Bernardes; Loures, Amanda Freitas; Andrade, Bárbara Batista Silveira. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2, p. 68-75, jul./dez., 2019.
- DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena et al (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009, p. 173-178.
- LERNES, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- O'REILLEY, Andrea (Ed.). **Feminist mothering**. Albany, New York: State University of New York Press, 2008.
- O'REILLEY, Andrea (Ed.). **Maternal theory: essential readings**. Bradford, Canada: Demeter Press; York University, 2007.
- PATRIARCADO. **Michaelis Online**. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em < <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=Nyoz5> >. Acesso em: 28/04/2022.
- PEREIRA, Cilene Margarete. A personagem feminina e a experiência da maternidade nos primeiros contos de Machado de Assis. **Revista de Letras**, 2010, vol.12, n.13.
- _____. “O segredo de Augusta”: “Uma senhora” machadiana. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 45, p. 39-52, dez 2012.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. Relações de família na obra de Machado de Assis. **Revista Machado de Assis em linha**, ano 2, n.º 4, p. 1-16, dez 2009. Disponível em <https://machadodeassis.fflch.usp.br/sites/machadodeassis.fflch.usp.br/files/u73/num04artigo01.pdf> Acesso em: 07/04/2022.
- PIETRANI, Anélia Montechiari. **O enigma mulher no universo masculino machadiano**. Niterói: EdUFF, 2000.
- _____. Gênero. In: JOBIM, José Luis et al (Orgs.). **(Novas) Palavras da crítica**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2021, p.172-206.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Edições Vozes, 1976.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. **O romance tragicômico de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

THURER, Shari L. The myths of motherhood. In: O'REILLEY, Andrea (Ed.). **Maternal theory: essential readings**. Bradford, Canada: Demeter Press; York University, 2007, p. 331-344.

XAVIER, Therezinha Mucci. **A personagem feminina no romance de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Presença, 1986.